

HECATOMBE SOCIAL

HUMBERTO EUSTÁQUIO SOARES MARTINS*
Desembargador do Tribunal de Justiça de Alagoas

A sucessão de êxitos financeiros obtidos pelo Brasil nos últimos seis meses – valorização do real, valorização dos títulos da dívida brasileira, saldos positivos na balança do comércio exterior, entre outros – não deve desviar a atenção de todos aqueles que têm uma parcela de responsabilidade na área pública e na iniciativa privada para os desoladores índices sociais, que continuam péssimos. A comparação do Brasil com outras nações emergentes, a cada estatística que é revelada, confirma que há algo de muito errado na condução do País, há muito tempo.

Um dos organismos internacionais que mais destaca o desempenho financeiro brasileiro, o Banco Mundial, é também aquele que não mede palavras para criticar a hecatombe social que acontece em nossa nação.

Como explicar que a expectativa de vida no Brasil seja de 68 anos de idade, enquanto, em média, na América Latina/Caribe é de 71? Como explicar que a renda *per capita* (US\$ 3.070) seja igualmente inferior à média latino-americana? Como explicar que o percentual de alunos que completam o ensino básico (71%) seja igual a Bangladesh, um dos países mais miseráveis do mundo? Como explicar que a porcentagem de crianças com peso abaixo do normal, por causa da desnutrição, seja semelhante ao da Argélia, uma nação do norte da África infelicitada há décadas por feroz guerra civil? Como explicar a morte, todos os anos, de 36 por mil crianças, em cada 100, antes dos cinco anos de idade, mais do que as 32 em cada 100 que morrem no Líbano, que sofreu umas das guerras civis mais atrozes dos últimos tempos?

A instabilidade da economia mundial é apontada pelos *experts* em finanças como uma das responsáveis pelas dificuldades sociais brasileiras, mas a explicação não satisfaz, pelo fato dessa mesma instabilidade atingir igualmente outras nações, no mesmo estágio de desenvolvimento do nosso país, que apresentam índices mais auspiciosos.

Quem temer riscos de investir no Brasil, naturalmente, deve temer muito mais fazê-lo na Argentina, por motivos óbvios. E a Argentina apresenta alguns índices sociais superiores aos do Brasil. Há também os que aleguem que o Brasil é uma economia “fechada”, o que é argumento inaceitável. Como pode ser considerada uma economia “fechada” quem abriu espaço para capitais estrangeiros em praticamente todos os setores, tais como sistema financeiro, ferrovias, alimentos, informática, comércio e indústria em geral etc.?

Dez anos após ter aberto sua economia, seguindo a cartilha do Fundo Monetário Internacional, FMI, e de outros organismos financeiros mundiais, os 10% mais pobres do Brasil ficam com apenas 2% da renda. Situação pior do que essa, em matéria de distribuição de renda, só na Colômbia, Lesoto, Namíbia e África do Sul. Igual a nós, República Centro-Africana, Honduras, Paraguai e Serra Leoa.

Dá para entender situação tão adversa, entre mais de 150 países?

É preciso continuar a procurar as culpas (os culpados) e as soluções, porque, em matéria de distribuição de renda e propriedade, não dá para ficar como está nem para piorar mais.

O Brasil necessita urgentemente de uma política social mais eficiente, com mais desenvolvimento econômico, melhor distribuição de renda, oportunidade de trabalho, assegurando a todos os direitos sociais garantidos na sua carta política. Assim, venceremos a guerra contra o estado de pobreza.